

68

88

**NO
BALANÇO
DOS ANOS**

27 de agosto a 25 de setembro



PROGRAMAÇÃO

27/08 SAB 17:00	PARQUE LAGE Inauguração Hélio Oiticica/Vergara/Gershman/José Roberto Aguillar/Nelson Leirner/ Glauco Rodrigues/Antônio Manoel/Cláudio Tozzi/Antônio Henrique Amaral	13/09 TER	ESPAÇO CULTURAL SÉRGIO PORTO Cinema em Vídeo — "Os Herdeiros" (Cacá Diegues), "Terra em Transe" (Glauber)
18:30	Coral do Rio de Janeiro — Fundação Rio de Janeiro	14/09 QUA	ESPAÇO CULTURAL SÉRGIO PORTO Seminário — "Movimento Estudantil: Nossa luta, nossa voz" — Wladimir Palmeira/ Elionor Brito - representantes da UNE/ Samara (Colégio Souza Leão)
29/08 SEG 20:00	ESPAÇO CULTURAL SERGIO PORTO Inauguração — Zerbini/Leda Catunda/Sergio Romagnolo/Beatriz Milhases/Luiz Pizarro/Cristina Salgado/Enrica Bernadelle/Hilton Berredo. Performance — Grupo 6 Mãos (Basbaum - Barrão - Dacosta) Rádio-Novela Exposição de Fotos — "Um Rio em 68" Mostra de Imprensa Alternativa	15/09 QUI 20:00	PARQUE LAGE Seminário — "Sejamos Realistas — Peçamos o Impossível".
30/08 TER 20:00	ESPAÇO CULTURAL SERGIO PORTO Cinema em Vídeo — "Macunaíma" (Joaquim Pedro de Andrade) e "A Mulher de Todos (Rogério Sganzele)	16/09 SEX 19:00	PARQUE LAGE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Roda Viva" (Chico Buarque)
31/08 QUA 20:00	ESPAÇO CULTURA SERGIO PORTO Seminário — Imprensa Alternativa: Do Pasquim à Casseta — Jaguar/Elias Fajardo/Busunda	18/09 DOM 18:00	PARQUE LAGE Cinema — "Brasil Ano 2000 — Walter Lima
01/09 QUI 19:00	PARQUE LAGE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Dois Perdidos Numa Noite Suja" (Plínio Marcos)	19/09 SEG 18:30	ARQUIVO GERAL DA CIDADE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Roda Viva" (Chico Buarque)
02/09 SEX 20:00	PARQUE LAGE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come" (Oduvaldo Viana Filho)	20/09 TER 20:00	ESPAÇO CULTURAL SÉRGIO PORTO Lançamento do Vídeo "68" (Silvio Tendler)
04/09 DOM 18:00	PARQUE LAGE Cinema — "Matou a Família e foi ao Cinema" (Julio Bressane)	21/09 QUA 20:00	ESPAÇO CULTURAL SÉRGIO PORTO Debate — "Continuidade e Ruptura"
05/09 SEG 18:00	ARQUIVO GERAL DA CIDADE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Dois Perdidos Numa Noite Suja" (Plínio Marcos)	22/09 QUI 18:30	ARQUIVO GERAL DA CIDADE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come" (Oduvaldo Viana Filho)
20:00	PARQUE LAGE Lançamento do livro e depoimento de Zulmir Ventura	23/09 SEX 18:30	ARQUIVO GERAL DA CIDADE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Os Fuzis de Sra. Carrar (Brecht)
21:00	Depoimento de Ana Maria Machado/Daniel Aarão Reis	20:00	PARQUE LAGE Lançamento do livro — "Um Rio em 68"
06/09 TER 20:00	ESPAÇO CULTURAL SÉRGIO PORTO Cinema em Vídeo — "Os Irmãos Neves" (Person), "Opinião Pública" (Arnaldo Jabor).	21:00	Coral do Rio de Janeiro
07/09 QUA 20:00	ESPAÇO CULTURAL SÉRGIO PORTO Seminário — "A minha, a sua, a nossa revolução" (Ferreira Gullar e Fernando Gabeira.	25/09 DOM 18:00	PARQUE LAGE Cinema — "Vida Provisória" (Maurício Gomes Leite)
08/09 QUI 19:00	PARQUE LAGE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Os Fuzis de Sra. Carrar" (Brecht)		
09/09 SEX 21:00	PARQUE LAGE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad — "Cordélia Brasil" (Antonio Bivar)		Moro num
10/09 SAB 18:00	PARQUE LAGE Teatro — "Rei da Vela" (montagem do Grupo Cena Muda)		País tropical,
11/09 DOM 18:00	PARQUE LAGE Cinema — "Todas as Mulheres do Mundo" (Domingos de Oliveira)		abençoado por
12/09 SEG 18:30	ARQUIVO GERAL DA CIDADE Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção: Amir Haddad. "Cordélia Brasil" (Antonio Bivar)		Deus e bonito
20:00	PARQUE LAGE Debate Ilustrado sobre Publicidade — Lula Vieira/Henrique Meier — Vídeo P/B		por natureza.
			(País Tropical — Jorge Ben, 69)

68 x 88

Vamos Voltar ao Tempo da Cegonha?



Uma mãe de família conclui, por sua própria experiência, que deve haver algo errado na maneira moderna de encarar a educação sexual



68 x 88. No balanço da Exposição promovida pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Fundação Rio, Secretaria de Estado de Cultura/Departamento de Estudos, Pesquisas e Patrimônio, Espaço Cultural Sérgio Porto e Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Exposições e eventos simultâneos e integrados, reunindo os fragmentos do Tropicalismo, fragmentos de 68. Pinturas, esculturas, objetos, instalações, textos, peças de teatro, filmes, músicas, publicidade, vestuário, moda, documentos, fantasias de Chacrinha, registros de comportamento, fotografias, jornais. Apresentados em estado bruto, fornecendo possíveis roteiros para a compreensão de 68 e o Tropicalismo. E mais, através de seminários, conferências e cursos, promovendo uma discussão sobre o que teria sido o mix de acontecimentos do Tropicalismo e o que significam os anos 60.

Ciclo de filmes, leituras de peças, seminários e debates. Humor: do Pasquim à Casseta Popular, Sexo: da liberação à repressão. Movimento estudantil, no momento em que eles retornam às ruas, caminhando quilômetros para exigir a redução das mensalidades. 68 x 88. Contrapontos. No Parque Lage, Tropicalistas de 68. No Sérgio Porto, artistas de 88, pensando 68, em obras especialmente produzidas para o evento. No balanço dos anos. E o balanço dos anos?

68. Hebe Camargo, Sílvio Santos, Chacrinha, Moacir Franco, Os Intocáveis, O céu é o limite, National Kid, Os Trapalhões, A Feiticeira, Mutantes, Tropicália, Festivais, Jovem Guarda, Simonal, Tupi, Record, Excelsior, Globo. **88.** Bandeirantes, Manchete, SBT, Globo, Globo, Globo, Globo de Ouro, Xuxa, Hebe, Camargo, Sílvio Santos, Chacrinha, Moacir Franco, os Intocáveis, Os Trapalhões, A Feiticeira. Balanço das Câmeras.

68. Mutantes, Gil, Gal, Caetano, Duprat, Torquato, Roberto Carlos, Ritmo negro do Caribe. **88.** Ritmo negro da África, Titãs, Paralamas, Legião, Olodum, Gil, Gal, Caetano, Roberto Carlos. Balanço do ritmo.

68. Super 8, Glauber, Godard, Resnais, Truffaut, Cacá Diegues, Walter Lima Júnior, Joaquim Pedro de Andrade, Júlio Bressanne, Alberto Salvá, **88.** Godard, Cacá Diegues, Walter Lima Júnior, Joaquim Pedro de Andrade, João Batista de Andrade, Alberto Salvá, Ridley Scott, Spielberg, Stallone, vídeo. Balanço das cenas.

68. Opinião, Boal, Arena, Oficina, José Celso, Roda Viva, Plínio Marcos, política, engajamento, Teatro social. **88.** Antunes Filho, Naum Alves de Souza, Vicente Pereira, Miguel Fallabela, Mauro Rasi, esquetes, comportamento, liberdade, entrada social. Balanço dos textos.

68. Pop, Nova Figuração, Land Art, happening, body art, objetos, instalações, Tropicália, Antônio Henrique Amaral, Oiticica, Vergara, Gershmann, Antônio Manuel, Tozzi, Leirner, Glauco, críticos. **88.** Neue Wilden, Pattern, New Image, Transvanguarda, Geração Oitenta, Objetos, instalações, performances, Berredo, Zerbini, Dacosta, Basbaum, Barrão, Romagnolo, Pizarro, Catunda, Milhazes, Bernadelli, Cristina Salgado, Rádio Novela, marchands. Balanço das imagens.

68. Conga, Nycron, Karmann Ghia, Dulcora, Tigre da Esso, Televisões Admiral, Maiôs Rhodiana, ICA, Modess, Renner, Capri, Topeka, Coca-Cola. **88.** Top-Sider, linho, Escort XR3, Panasonic, Sony, Sanyo, lycra, algodão, Cantão, Richards, ob e tampaz, Free, Coca-Cola. Balanço dos nomes.

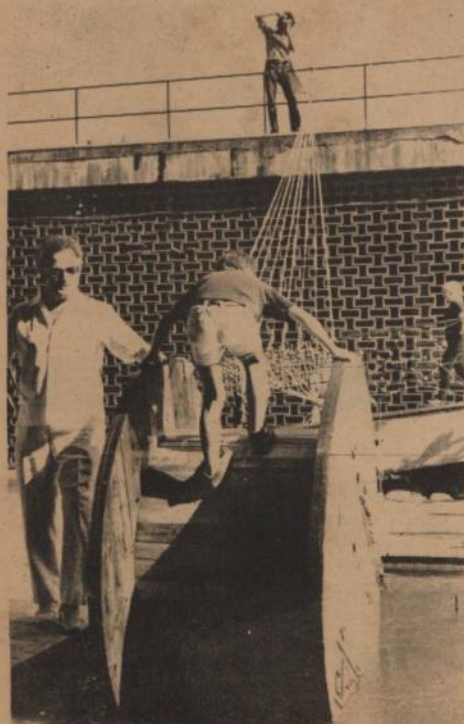
68. Pasquim, Manchete, Realidade, Intervalo, Querida, JB, Globo, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Veja. **88.** Manchete, Elle, Nova, Minha, Casseta Popular, Planeta Diário, Globo, JB, Veja. Balanço das letras.

68. 88. Balanço dos números.

Alexandre Martins

Atenção, é preciso ter olhos firmes, para esse sol, para esta escuridão... Atenção, para a estrofe pro refrão, pro palavrão, para a palavra de ordem, para o samba exaltação. Atenção, tudo é perigoso, tudo é divino maravilhoso... Atenção, para as janelas no alto, atenção ao pisar o asfalto, o manguê, atenção para o sangue sobre o chão. ... é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte.

(Divino, Maravilhoso — Gil, Caetano, 69)



Navegar é preciso, viver não é preciso. (Os argonautas — Caetano, 69)

ARTES PLÁSTICAS

ANOS 60

1 — Velocidade dos ismos, velocidade das idéias, velocidade de gestos, velocidade da repressão, velocidade da reação. Os ismos se multiplicam velozmente no exterior **Pop**, Nova Figuração, **Nouveau Réalisme**, **Land-Art**, **Povera**, **Conceitual**, **Happening**, **Body-Art**, **Yírnimal**, **Estruturas-Primárias**, **Hard-Edge**, **Supporte/Surface**, **Aiperrealismo** e são velozmente importados, deglutidos, adaptados, nacionalizados — aqui.

2 — Supermercado de conceitos: arte vivencial, arte ambiental, arte plurisensorial, arte permutacional, arte processual. Peg-pag de preposições: objetos, instalações, **environment**, **super-8**, **áudiovisual** etc.

3 — Revolta essencialmente urbana: Paris, Berkeley, China Tatlelolco, Veneza, Rio, São Paulo: imaginação no poder, revolução cultural, estudantes na rua, polícia nas ruas, o povo nas ruas, guerrilha urbana, "veranico de maio", Primavera de Praga, a manhã tropical se anuncia, mas a noite chega veloz indicando que o inverno será longo e difícil.

4 — Arte essencialmente urbana: **pop**, **popcreto**, **parangolé**, cultura de estrada, ídolos de massa, ônibus, vitrines, néon, o oval da Esso, a concha da Shell, o Pão de Açúcar, o sinalética do tráfego, zebras no asfalto, rua da Alfândega, futebol, Miss, Chacrinha, páginas policiais, Beatles, "a namoradina do Brasil", o escudo do Vasco, Estação Primeira da Mangueira, kitsch, Roberto Carlos, juventude, Cara de Cavalo, tudo desemboca velozmente no consumo: tv, **Brastel**, moda, publicidade, música popular.

5 — Tropicália, marginália, "caetália", "genitália", papagália, bananália, Brasília, Tarsília, subúrbia, tudo à revelia do bom gosto, da História. América Latina, latrina, cretina (ela é kitsch ou é apenas, como o Brasil, um continente ocupado?). "Brasil diarreia", gonorréia, Lindonéia, Brasil, país do futuro, do passado, do presente (?), Brasil, deitado eternamente em berço esplêndido, à beira do abismo, à beira do colapso, à beira da arte, da História, da tecnologia, da miséria, da riqueza, beiral do Brasil gigante mesquinho, ame-o ou deixe-o, Brasil macunaímico, márioandradino, oswaldino, roseano, antropofágico, oiticica, Paul-Brasil, mangueira, mangabeira, gabeira, sem eira nem beira, Brasil, do Oiapoque ao Chui, ribeirinha, litorâneo, amazônico, sertanejo, pampeiro, pantanoso, indígena, negro, mulato, cafuso, mestiço, amarelo, branco, Brasil indolente insolente, inzoneiro, empertigado, impávido colosso, imprevisto, previsível, morno, quente, frio, tropical.

6 — Galeria de anti-heróis tropicais: Antonio Conselheiro, Zumbi, Marighela, Toledo, o velho, Mario Pedrosa, o jovem, Lamarca, Cara de Cavalo, Mineirinho, o Bandido da Luz Vermelha, Chacrinha, Tostão, Ibrahim Sued, a Garota de Ipanema, Leila Diniz, João Agripino, Glauber Rocha, José Celso, Torquato Neto, Edson Luiz; heróis importados e/ou tropicalizados: Che Guevara, Allende, Edward Kennedy, Luther King, Gagarin, Dubchek, Goddard e mais, entre os nossos, humilhados, ofendidos, drogados, suicidas, assassinados, desaparecidos.

7 — A guerrilha artística: o artista na rua, no jornal, na praça, no aterro, desfralçando bandeiras, desnudando-se no vernissage, provocando, irritando, incomodando, agredindo, mais arteiro que artista, mais ativista que inventor; a arte como **meeting**, passeata, geração tranca-ruas, abaixo a censura, o arrocho salarial e a ditadura; arte anônima, sem autoria, desarrumando e tensionando o cotidiano; a crítica como criação, recusando sua origem teológica e sua vocação autoritária, a crítica libertadora ao invés de opressora; o museu como plano-piloto da futura cidade lúdica, a cidade como vasto salão de exposições, a rua como extensão do ateliê, todos somos artistas, críticos, curadores, professores, espectadores, passeantes, manifestantes, protestantes.

8 — Dois tempos: 68/alegria alegria — divino maravilhoso; 69/tristeza tristeza — repressão e tortura. Dois espaços: o da arte — explosão criativa, arte-atividade, arte-vida — e o da política — a superação das ideologias.

9 — Roteiro: Centros Populares de Cultura, 62; golpe, 64, Opinião 65, Opinião 66, Nova Objetividade Brasileira, (tropicália), 67, O Artista Brasileiro e a conografia de Massa, 68, Arte no Aterro (Apocalipopótese), 68, Nova Crítica, AI-5, 69, Do corpo à terra, 70 Domingos da Criação, 71. Antes do golpe, o artista sobre o morro, vai à fábrica: Cinco Vezes Favela, Violão de Rua. Depois do golpe, reúne-se para opinar e fazer o balanço da vanguarda brasileira. Ou: antes busca um caminho para a arte participante — não encontra; Depois, perde o rumo, se esconde, se enfurna, tô na minha, vai embora, esquece a vida e quer novamente dar um sentido político a arte — conceitual.

10 — Dois sentimentos: 1 — emoção, participação, adesão, entrega, generosidade, peito aberto, rosto lindo, cabelos grandes, paz e amor e 2 — reflexão, recusa, cobrança, mercado, levar vantagens, cabelos curtos, presunção, carreira.

11 — Ou, Aguilar, o caos, o graffiti antecipado na tela; Amaral, baaa para dar e vender, o big-stick e as repúblicas bananeiras; Oiticica, em guerra permanente, a vida vivida radicalmente; Antonio Manoel, a gerra de guerrilha, Vergara, limpo, a face-Brasil; Gerchman, sujão, a imagética hot; Tozzi, a imagética cool, Leiner, a provocação como norma Glauco Rodrigues, tudo no mesmo saco, Caminha, Oswald e hiperrealismo.

ANOS 70

Arte como arte, sobre arte, como ilustração de arte. Tautologia. O discurso autoritário da arte. O crítico como leão-de-chácara da obra de arte. Pede-se não tocar. Pede-se não sentir. Pede-se reflexão, a frio. Textos. Textos. Livros de artistas, discos de artistas, filmes de artistas, vídeo de artistas, art by mail, art by telephone, art by computer, art by art, art by busines, bye bye art.

ANOS 80

1 — Welcome art, welcome painting. Benvinda a cor e o gesto, benvinda a alegria e a vida, benvinda a festa da geração 80 na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (1984), benvinda a badalação e o sucesso, benvindo o mercado benvindo o público que retorna as exposições, benvinda a Bienal de São Paulo, que recupera seu prestígio internacional.

2 — Fora tristeza, fora dogmatismos e formalismos de qualquer espécie, fora neopositivistas e ideólogos, fora toda rigidez teórica, fora o darwinismo em arte, pois esta vive hoje à deriva, o artista é um barco à procura de um porto temporário. Abaixo a dor, a fossa, a bossa, a roça, que a arte nos anos 80 continua essencialmente urbana, impaciente, mais próxima do que nunca da TV, dos mídia eletrônicos, do rock, das feiras de arte, do dinheiro, da sociedade do espetáculo, da civilização do descarté.

3 — Descartável a crítica de arte (melhor é ter um marchand a tiracolo), descartável a história da arte, isto é, deve-se usar e abusar dos ismos: abaixo o estilo, tudo vale, nada vale. No troca-troca dos anos 80, descem Duchamp e Beuys, sobem Picabia e Baselitz, descem os conceituais e os construtivos, sobem os neoexpressionistas, descem os States, sobe a Alemanha, desce Terranova, sobe Montecanti. Não existem anti-heróis nos anos 80, todos são heróis. No céu da arte atual, Kiefer é o novo Deus, o inferno... é a Aids. Mantém-se a velocidade descartável dos ismos: neue wilden, new image, pattern, patchwork, transvanguarda, progetto dolce, neobarroco, neosimbolismo, new nostalgia. Paris já era, New York já era, viva Berlim, viva Madrid, Viva São Paulo, que o Rio está quase parando.

4 — Releio meu texto para Brasil/Pintura (1983): Escrevi: "Dizem que é bad-painting, eu a vejo linda. Dizem que é ultrajante — eu a sinto sensualíssima. Tem seis dedos, um olho só e manca de uma perna. I Lover her".

5 — Em 1982 realizei, para o MAM do Rio, a mostra "Entre a mancha e a figura", na qual incluí, entre os antecipadores da nova pintura, de Fiori, Iberê, Ivan Serpa, da fase negra, e Flávio de Carvalho. Defini então a nova pintura, como anti-autoritária: "É uma reação a arte hermética,

purista e excessivamente intelectual predominante nos anos 70. Um retorno do artista a si mesmo, à sua subjetividade, mediante a liberação de uma fantasia não planejada ou controlada e que se manifesta como uma intensificação do gestual e da cor, quase um Neo-Informalismo ou um Neofigurativismo.

6 — Os artistas da geração 80 amam a pintura, como hoje namoram a escultura. Amam estar juntos, formar grupos, pintar um lado do outro, em ateliês coletivos, pintar a quatro ou seis mãos, fazer performances coletivas, viver juntos, como bandos neoplatônicos. Ou era assim, no começo. Nunca foram iguais, é claro. Têm amores diferentes. Berredo ama Lygia Clark, mas gostaria de transar Oiticica. Zerbini talvez nem perceba, mas sua pintura tem uma certa queda pelo Gerchman dos anos 60. Da costa oscila entre a pintura e o teatro, entre a construção e a performance — na verdade, a fronteira entre os meios de expressão é, para eles, cada vez mais tênue e, sôfregos, têm dificuldades em permanecer em um único campo. Catunda revela toda sua sensualidade percorrendo o território kitsch das lojas de departamentos, descobrindo em cada tecido, produto ou material de consumo um motivo para liberar sua fantasia. Romagnolo tem os seus cult-comics ou mass-cult, passou da pintura à escultura, entre colunas clássicas, entre a construção e a pop. Nas primeiras falas inflamadas de sua geração, Berredo dissera que o importante era sentir-se no palco, como uma star, acontecendo.

7 — A geração 80 aconteceu, fez furor. Hoje cada um foge do epíteto como o diabo da cruz e procura seu caminho. Começam a rever as coisas, partem para uma atitude mais reflexiva, querem marcar posições, individualmente. Começaram se posicionando contra a geração anterior, conceitual, pensando que amavam os artistas dos anos 60. Hoje descobrem que amam os neoconcretos e estão próximos de um entendimento com os anos 70. Afinal, se eles, de alguma maneira, com seu hedonismo vital e artístico, determinaram mudanças na arte brasileira, eles também se modificaram em contrato com a própria arte que aqui se fez. Entre nós, mais uma vez, funcionou o método antropofágico. Primeiro a importação de novidades para atualizar, por o relógio da nossa arte em dia com o relógio da arte internacional. Em seguida, a redescoberta de nossa própria realidade, nossa História, as gerações anteriores, a tradição, enfim. E nesse reencontro, a criação se renova. O momento é de afirmação de individualidades, mais do que de gerações. Ou estaríamos apenas diante de novos modismos? Afinal, já se fala, lá fora, de um new-geo e de um neoconceitual, a povera permaceu intocada em seu prestígio e os ingleses renovaram a escultura buscando uma aproximação com a pop nascida lá.

ANOS 90

Como será você, geração 90? Eis um bom título para exposição a ser realizada no ano que vem.

Frederico Morais



JORNAL DO BRASIL

ANO XLIII — Rio de Janeiro, 6.ª-Edição, 29 de março de 1988 — N.º 12 648

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Dirutor Geral: Roberto Marinho Diretor Executivo: Gilberto Lopes
Diretor-Administrativo: Rogério Marinho Diretor Substituto: Roberto Marinho

Fellini: Tudo é Falso...

Jane Fonda
—uma lenda americana em Paris diz: "Lux suíça a pele enfiando limpa..."

...a pele enfiando limpa...
...a pele enfiando limpa...
...a pele enfiando limpa...

Lux protege a beleza.
Protege a pele...
...a pele enfiando limpa...

Rápido, com Pepsi

Saque uma Pepsi e acabe com a sede. Refrescância. Aceite em chispa com Pepsi-Cola. **vida é mais vida com Pepsi**

artes:
CINEMA NOVO: CHEGOU PRÁ FICAR

- MACUNAÍMA
- MATOU A FAMÍLIA E FOI AO CINEMA
- TODAS AS MULHERES DO MUNDO
- BRASIL ANO 2000
- TERRA EM TRANSE
- VIDA PROVISÓRIA

cinema

68 é um mistério indecifrável. Em várias partes do mundo, no mesmo momento por diferentes razões, revoltas, manifestações, ameaçam a ordem estabelecida. Aparentemente nada há de comum entre o jovem norte americano que rasgam sua convocação para ir lutar no vietnam, o Tcheco que faz a "Primavera de Praga" ou o brasileiro que luta contra a ditadura.

Reconhecido como um fenômeno francês, mas na verdade um fato universal, o "ras le bol" — "de saco cheio" — da juventude representa uma vontade coletiva de inversão de papéis: de atores secundários numa sociedade hierarquizada passavam a ocupar os principais papéis no cenário desta ação. Passam de massa de apoio a sujeitos da História.

Jovens, a idade média não passa dos vinte anos, ocupavam as primeiras páginas dos principais jornais do mundo dando o tom da notícia com irreverência, malícia, humor e sobretudo muito idealismo, numa luta em que na maior parte dos casos a História lhes deu razão. Não terá sido estúpida a guerra do Vietnam, justa a Primavera de Praga e atroz a ditadura brasileira?

Nada mais cinematográfico que o ano de 1968. Nesta época o cinema é a grande esquina onde vão se encontrar intelectuais, políticos, jornalistas, artistas plásticos, existencialistas, beatniks, boêmios, músicos, estudantes, para discutir arte & revolução, estética & linguagem, e sobretudo sonhar com a possibilidade de fazer um puta filme sobre o assunto.

O cinema soviético, o neo-realismo italiano, Sartre, Freud e Marx, formam a base; o jazz, as muas e o cinema de autor dão o ritmo. Neste coquetel são paridos a Nouvelle Vague, o cinema novo, o jovem cinema latino-americano. "Terra em Transe" de Glauber, "A Chinesa" de Godard, "A guerra acabou" de Alain Resnais, alguns dos filmes que antecedem o movimento de 68. Permonitórios de um movimento que está para explodir, questionam as formas tradicionais da ação política, Fazem a cabeça.

"A biento j'espere" e "A sexta face do Pentágono", 1968, dois filmes do cineasta francês Chris Marker registram duas faces da contestação, da insatisfação do operariado francês e da rejeição da juventude norte-americana à guerra do Vietnam. A estas alturas Joris Ivens, o holandês volante, já filmou "Paralelo 17" no Vietnam e se prepara para rodar "O povo e seus fuzis" no Laos. Chris Marker, Alain Resnais, Jean-Luc Godard, Claude Lelouch, Joris Ivens e Agnes Varda fazem "Loin du Vietnam", filme coletivo.

A demissão do conservador da cinemateca francesa, Henri Langlois, coloca os cineastas em pé de guerra contra o governo. A defesa de Langlois, a esta altura transformado em patrimônio do cinema mundial, gera os "Estados Gerais" do Cinema". Durante o festival de Cannes, Godard e Truffaut penduram-se nas cortinas do palácio dos festivais para impedir sua realização. Aqui no Brasil durante o festival de Brasília, os cineastas solidarizam-se com o deputado Marcio Moreira Alves ameaçado de cassação. A revolta estudantil é premiada através do filme "Bla bla bla" de Andrea Tonnacci.

Aqui no Rio o cinema Paissandu e a cinemateca do MAM são os pontos obrigatórios de quem tem uma câmera na mão e, pelo menos, uma vontade na cabeça. No Paissandú vê-se o *dernier cri europeu*, e na cinemateca, o cinema do leste europeu, underground americano, udigrudi nacional. E o festival JB é a oportunidade de se apresentar a última experimentação de vanguarda, o que muitas vezes significa o primeiro filme e em alguns casos também o último.

Das passeatas para os bares que ninguém é de ferro. Na zona sul, Zepellin, Veloso e Limão Sul são alguns dos quartéis gerais da sedenta intelectualidade. Tropicália na cabeça, discuti-se desde o uso abusivo da guitarra elétrica descaracterizando a pureza do som nacional até a chegada do Homem a lua, passando por guerrilha, Reich, Marcuse.

É desta época o divisor de águas entre cinema e Udigrudi. Cacá Diegues faz "Os herdeiros", Walter Lima Junior o "Brasil ano 2000" e Joaquim Pedro de Andrade o "Macunaíma". Julio Bressane apresenta o udigrudi com "Matou a família e foi ao cinema" e "O Anjo nasceu". "Como vai, vai bem?" realização coletiva de Alberto Salvá, Daniel Chutorianski, Paulo Veríssimo, Carlos Alberto Camuirano e Walkiria Salvá apresenta o tropicalismo popular e brega, em preto e branco, do chacriniano universo carioca.

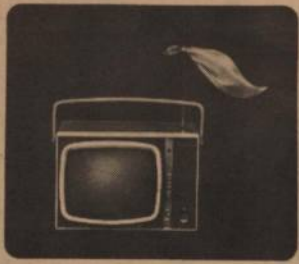
Nem tudo são flores, passeatas, irreverência. A ditadura também inaugura a temporada de caça aos artistas e, além da agressão ao elenco de o "Rei da vela" e a Norma Benguell por grupos paramilitares clandestinos, também, os anos 60 registram a prisão de Glauber e Joaquim Pedro junto com outros intelectuais na porta do Hotel Glória quando, em 1966, vaiaram o marechal Castello Branco; Em 1966 Joaquim Pedro volta a ser preso com Claudio Marzo desta vez acusados de pertencerem ao Partido Comunista Brasileiro; também são presos Cosme Alves Netto, genial conservador da cinemateca do MAM, Daniel Chutorianski, Paulo Rufino, Walter Lima Júnior e Olney São Paulo — diretor de "Manhã cinzenta". Em 1971 Glauber parte para o exílio, denunciando a violência da ditadura militar.

No Brasil dos milagras, pós AI-5, a ressaca substitui a festa, mas o fato inegável e que fica pra história, é que antes do bode dos anos 70 e bem antes da mediocridade que se instalou com a bolorenta nova república, o Brasil pulsava.

Sílvio Tendler

O sol vai longe suspenso, em luzes de lua de luas mortas, luzes de uma nova aurora, que mantém a grama nova e o dia sempre nascendo... Quem canta, que canta, quem pensa na vida, quem olha a avenida, quem espera voltar... mas já se acende e flutua no alto do céu uma lua, oval vermelha e azul, no alto do céu do Rio, uma lua oval da Esso, acende e ilumina o verso, dos pobres tristes felizes corações amantes do nosso Brasil.

(Paisagem útil — Caetano, 67)



O Pacificador

TELEFUNKEN



Seis oitão chega à tevê

Um filósofo alemão do século passado dizia que a história se repete. A primeira vez como tragédia, e a segunda como comédia. Mas a televisão brasileira conseguiu subverter os conceitos básicos do senhor de farças barbas.

No Brasil real, isto é, aquele que é mostrado pela tevê, a história também se repete: na primeira vez como comédia, e na segunda como replay.

Brasil 68. O meio de comunicação apelidado por Sérgio Porto de máquina de fazer doido não é mais privilégio de uma elite. Ainda em preto e branco, a televisão instalada na marra em 1950 por Assis Chateaubriand, já é de maior. É vista por milhões de telespectadores e televisinhos. Na telinha, então mais arredondada, as grandes novidades daquela e de nossa época: Hebe Camargo, Sílvio Santos, Chacrinha (até há pouco), Moacir Franco. Novelas, filmes e seriados americanos como Os Intocáveis, Os Flinkstones, Perdidos no Espaço, Zé Colmeia, A Feiteira. Programas como O Céu é o Limite, Os Trapalhães, Casamento na TV. Criações imortais. Certamente imortais, porque as velhas fórmulas continuam dando pontos no ibope.

Dos males do avanço tecnológico

Os males do Brasil são: a falta de idéias e o VT na televisão. Há vinte anos, o Brasil e o mundo viviam uma das fases mais criativas da história. Desde que o homem existe, o progresso vinha numa ascensão aritmética. Mas, especialmente a partir da invenção dos meios de comunicação de massa, todo o planeta, e o Brasil em especial, foram encolhendo, encolhendo... O VT foi uma grande invenção de ascensão geométrica.

E como era a televisão antes da fita magnética? Até então São Paulo era a terra da garoa, o Rio de Janeiro a cidade maravilhosa, e todas as capitais tinham produção própria. No entanto, os nossos avanços tecnológicos tiveram duas importantes consequências. Primeiro, a produção cultural das cidades fora do eixo Rio-São Paulo praticamente se extinguiu. Segundo, foi um sucesso a estratégia de ganhar corações e mentes através das programações transmitidas por emissoras fiéis ao Sistema. Era preciso acabar com a baderna — ou então, antropofagizá-la.

Os inconvenientes de vinte anos atrás, ou bem foram defenestrados (com o exílio de Caetano, Gil, Chico, Vandrê, Carlos Lira), ou docemente cooptados. A moderna tecnologia centralizadora podia satisfazer em gênero, número e grau às necessidades do sistema.

O meia-oito foi um divisor de águas. Os cassetes provocaram uma amnésia geral na cultura pau-Brasil: Mutantes, Tropicália, músicas de protesto, letras com preocupação social, os grandes festivais. Cessou tudo o que a antiga musa cantava. Ou quase tudo. Restaram metáforas, parábolas e circunlóquios. Mas este Brasil grande, que ninguém segurava, não tinha uma juventude constituída apenas de subversivos da arte. Afinal, nada de mal ter a Jovem Guarda e o Simonal.

O Brasil vai ao espaço

Nosso grande país abandonava sua estrutura feudal (claro, sem reforma agrária) e entrava finalmente no século vinte. No final da década de 60, os primeiros astronautas brasileiros, Heron Domingues e Rubens Amaral, pisavam na lua junto com Neil Armstrong. A façanha foi uma das últimas e das mais importantes coberturas da Rede Tupi. Chatô já havia morrido, e os condôminos se entredoravam pelo espólio. Enquanto isso, as Empresas Globo, que tinham começado dois anos antes com uma tevezinha brega, investiam tudo na mídia eletrônica. Dinheiro do grupo Time-Life, contratação dos melhores profissionais, extrema competência empresarial, tudo isso cimentado por um casamento indissolúvel com o poder — no civil e no militar. Os Associados chegaram à lua, mas a Globo chegou ao Brasil via Intelsat. Ganhou a corrida espacial. Esta terra de amores, alcatifada de flores, ao vivo e a cores, sistema Pal-M, único no mundo, resultado do veneno e do charme da Embratel foi cativada pela tecnologia da Telefunken. Afinal, a Ilha da Tranquilidade é única em todo o universo, mestiça até na tecnologia. Os homens passam, mas o replay fica.

QUARTA-FEIRA

6 de novembro

- 11,30 FILMES E DESENHOS.
- 12,00 UNI-DUNITE.
- 12,30 FILME.
- 12,30 SHOW DA CIDADE.
- 12,30 BOA TARDE.
- 13,00 NOVELA — "A GRANDE MENTIRA". Reprise.
- 13,30 ROMANCE NA TARDE.
- 14,10 SALA-DE-ESPERA.
- 14,30 FILME.
- 15,30 CAPITÃO FURACÃO.
- 16,00 CAPITÃO AZA.
- 16,00 DESENHOS.
- 16,30 SHOW DE INGLÊS.
- 16,40 SERIADO.
- 17,00 OS TRES PATETAS — Filme.
- 17,00 PODER JOVEM.
- 17,15 PULLMAN JR.
- 17,30 A ESTRELA E O LIMITE.
- 17,30 CLUBE DA TIA ARLETE.
- 17,40 SUPER-HERÓIS — Filme.
- 18,00 A FEITEIRA — Comédia.
- 18,00 GUARDIAN — Filme.
- 18,00 OS ALEGRES COMPANHEIROS — Com Renato Aragão.
- 18,15 MINI-JORNAL.
- 18,30 NOVELA — "A PEQUENA ORFÃ".
- 18,30 NOVELA — "SOZINHO NO MUNDO".
- 18,50 LONGRAS CASAMEN-TEIROS. 004
- 19,00 NOVELA — "A LEGIÃO DOS ESQUECIDOS".
- 19,00 NOVELA — "A GRANDE MENTIRA".
- 19,00 NOVELA — "O RETRATO DE LAURA".
- 19,30 NOVELA — "A MURALHA".
- 19,30 NOVELA — "ANTÔNIO MARI".
- 20,00 TELEJORNAL PIRELLI.
- 19,45 JORNAL DA GLOBO.
- 20,00 TELESORTE CONTINENTAL.
- 20,00 DUCAL NOS ESPORTES.
- 19,55 DIÁRIO DE UM REPORTER.
- 20,00 NOVELA — "O DIREITO DOS FILHOS".
- 20,00 DISCOTECA DO CHACRINHA — Desfile dos cartazes musicais do momento.
- 20,00 REPORTER ESSO.
- 20,00 JORNAL DAS OITO.
- 20,00 NOVELA — "RICARDINHO".
- 20,15 SHOW DO GOLIÁS — Com Ronald Goliás e convidados.
- 20,15 OS AQUANAUTAS — Filme.
- 20,30 LONGA-METRAGEM.
- 20,30 NOVELA — "A ÚLTIMA TESTEMUNHA".
- 21,00 NOVELA — "PASSO DOS VENTOS".
- 21,00 IMPERIAL E OS SETE HOMENS DE OURO.
- 21,20 MAVERICK — Faroeste.
- 21,30 NOVELA — "A GATA DE VISON".
- 22,00 JORNAL DE VERDADE.
- 22,15 RUMO AO DESCONHECIDO.
- 22,20 IBRAIM SUEZ REPORTER.
- 22,30 LONGA-METRAGEM.
- 22,30 MESAS-REDONDAS DE GILSON AMADO — Entrevistas.
- 22,30 JORNAL DE VANGUARDA.
- 23,00 JORNAL EXCELSIOR.
- 23,00 FUTEBOL — "Video-tape" da partida BRASIL x Seleção da FIFA.
- 23,15 A GRANDE EDIÇÃO.
- 23,15 FUTEBOL — Focalizando o jogo das seleções do BRASIL e da FIFA.
- 23,30 FUTEBOL — "Video-tape" da partida BRASIL x RESTO DO MUNDO.
- 23,30 FUTEBOL — "Video-tape" completo da partida BRASIL x FIFA.
- 24,00 SESSÃO DA MEIA-NOITE.

InTerValo — 61

CHATEAUBRIAND MORRE E SERÁ SEPULTADO HOJE

O jornalista e embaixador Assis Chateaubriand morreu, ontem, às 21h25min, no Hospital Santa Catarina, em São Paulo. Imediatamente após a comunicação do falecimento, as estações de televisão e rádio da organização saíram do ar, em sinal de luto. O sepultamento será, hoje, às 16h, no Cemitério do Araçá, em São Paulo.

Página 2

Ando meio desligado, eu nem sinto meus pés no chão. Olho e não vejo nada. (Ando meio desligado — Mutantes, 68)



**Ponha um Tigre
no seu carro!**



O que não há dúvida, é que, exatamente o Tigre, O Tigre, O Tigre, O Tigre do Esso e muito mais do que isso. Muita coisa do que e muito mais do que isso. O Tigre é diferente com a nova gasolina Esso. Esso Tigre é diferente com a nova gasolina Esso. Muita coisa. Uma sensação nova, e o futuro do futuro. Passa num Posto Esso, emocionante, maravilhoso. Passa num Posto Esso, ancha o tanque com a nova gasolina Esso e

Ponha um Tigre no seu carro!



A Ford tem 380 mil empregados e se preocupa muito com a dor de dente do Paulinho.

Se você quiser saber mais sobre a Ford ou qualquer outro produto da Ford, escreva para: Ford do Brasil, S.A., Caixa Postal 1000, São Paulo, SP. Se você quiser saber mais sobre a Ford, escreva para: Ford do Brasil, S.A., Caixa Postal 1000, São Paulo, SP. Se você quiser saber mais sobre a Ford, escreva para: Ford do Brasil, S.A., Caixa Postal 1000, São Paulo, SP.



Não é bom saber que neste mundo louco ainda existem certas coisas em que se pode confiar?

Hoje em dia todo mundo diz que não se pode confiar mais em nada.

Não é bem o caso. É verdade que a confiança é uma virtude que anda meio fora de moda ultimamente.

Mas, felizmente, ainda se pode confiar em algumas coisas.

Tome o Volkswagen, por exemplo: ele tem servido milhões de pessoas em todo o mundo, ano após ano, com segurança e conforto.

Reconhecemos que ele mudou um pouco, no transcorrer dos anos. E se tornou mais seguro e mais confortável ainda.

Mas, basicamente, continua o mesmo de sempre.

Nunca mudamos o Volkswagen só pelo prazer de mudar.

E nunca mudaremos a nossa atitude a respeito. Pode confiar nisso, também.



PUBLI CIDADE

ESSES SESENTA E OITO

Vamos falar da publicidade em 68. Ano difícil até para ser consumidor. Ano em que o céu nos abençoou com muita criação, muita competência; As idéias tinham que ser pelo menos novas e cheias de bossas. Bossa e nova. Em todo o mundo aparecem grandes nomes em todas as áreas (todas?), mas no Brasil, muito infelizmente, no meio da redentora. No início da guerra das flores contra os fuzis. Difícil até para ser consumidor, mas quando todos nós éramos publicitários, vendendo sonhos, utopia, terrorismo, revolução.

Mas vamos falar da propaganda em 68. Ano em que lutávamos para que no futuro, não viessem fazer uma música perguntando que país é esse. Ano em que não sabíamos direito como queríamos o nosso país mas tínhamos certeza de como não o queríamos. Ano em que junto com as grandes campanhas criativas que fazíamos com nossas palavras de ordem, também existiam as campanhas importadas de contra-propaganda e éramos chamados de cabeludos, hippies, comunistas e maconheiros. (Aos menores de 30 – Naquele ano, essas coisas eram xingamentos.) Aliás, o outro lado sempre foi mais competente, desde a marcha da família com Deus pela liberdade, passando por dê ouro para o bem do Brasil. Um verdadeiro golpe de mestre, até o Ame-o ou deixe-o quando o próprio avô do general já dizia – Mailson no brega dos outros é refresco.

Mas temos que falar da propaganda em 68. Ano em que para destruir nossas mensagens:

- Quantos tiras, quantos gorilas, mas de mil milicos em ação.
- Estudante está apanhando pelas ruas da cidade, clamando por liberdade.
- Vou gritar-te agora, não me leve a mal, fora o marechal. Começam a destruir nossa mídia, rapazes e moças que se reuniam nas praças, e que apesar das baixas continuam.
- O menino que morreu, poderia ser um filho seu.
- O povo unido jamais será vencido.

Mas, e a publicidade em 68? Foi realmente o grande ano da propaganda Brasileira. Se vendeu muita espuma, muito laser, muita moda. Um ano divisor de águas. Numa mesma revista, encontrávamos um anúncio das loções de myrurgia, que caía muito bem numa revista de anúncios de hoje. (Realidade, 1968, pags. 31 e 62)

Tínhamos também um porquinho que dançava o cha-cha-cha, o meu amigo o elefantinho da shell, e um tigre que roncava no tanque do seu carro, que poderia ser um corcel cor de mel ou um LTD, o importado feito no Brasil, anunciado pelo traço do Zivaldo.

Tínhamos até explicações para a inclusão de um jingle num LP dos Mutantes... É preciso ter coragem de ouvir claro e saber com certeza que aquele som é novo, limpo, inventivo e livre. ... Quem vive numa sociedade de consumo tem duas alternativas: ou participa ou é devorado por ela. Não há saída fora desta opção. O jingle dos Mutantes, que prefiro chamar simplesmente de "música", é melhor infinitamente melhor, que a maioria das canções que andam pelas praças e paradas. Por que não gravá-lo em disco?... Eles estão colaborando para a música brasileira contemporânea, com grandeza e competência. (Nelson Motta) Isso é que é algo mais.

Mas não é falando de publicidade e propaganda, que nós vamos retratar 68. Tivemos o 68 da publicidade, o 68 da música, o 68 do teatro, o 68 das artes plásticas, o 68 do cinema. Todos grandes sessenta e oitos. Mas 68 sempre será lembrado como o ano em que começaram a arrancar a mente e a alma da juventude brasileira. O ano em que calaram os nossos gritos, transformando-os em sussurros.

Nilson Filho

Minha terra tem palmeiras onde sopra o vento forte da fome e principalmente da morte. A bomba explode lá fora e agora o que vou temer? Yes, nos temos banana, até para dar e vender. Aqui é o fim do mundo.
(Marginalia II — Gil - Torquato)

Eu digo não ao não: é proibido proibir...
 ... me dê um beijo meu amor; eles estão nos esperando,
 os automóveis ardem as chamas. Derrubar as prateleiras,
 as estantes, as estátuas, as vidraças, louças, livros sim.

(É proibido proibir — Caetano, 68)



Lembra quando os romances acabavam por causa do mau hálito?

Esqueça. Agora existe Signal que garante hálito puro!

Signal

Signal não garante que, de hoje em diante, todos os romances vão dar certo. O seu Signal pode garantir a que você tenha um bom hálito mais tempo.
 Porém, Signal não dá a garantia de que todos os romances darão certo. Portanto, não se deixe levar por quem lhe disser que Signal é a solução para todos os problemas.

PHILIPS
 passport

Se o rezinho vai demais ao trocinho...

Entero-Vioformio
 o anti-diarréico mais usado por crianças e adultos

Nos desarranjos intestinais para evitar a desidratação faça o seguinte:

**AQUÊLES DIAS
 HOJE EM DIA
 NÃO SÃO MAIS
 AQUÊLES DIAS**

Existe este conforto

Para a mulher moderna, o absorvente higiênico MODESS* significa segurança, proteção e economia (custa menos que um vidrinho de esmalte). Modess é encontrado também em práticas embalagens de plástico: compre a de 30, é mais econômica.

Use Modess com a calça higiênica SERENA* ou o cinto Modess em V.

Johnson & Johnson * Marcas Reg.

VENEM SUPERVALDE SHELL

Os cabos e fios elétricos Pirelli estão "por dentro" da música jovem, mora!

PIRELLI

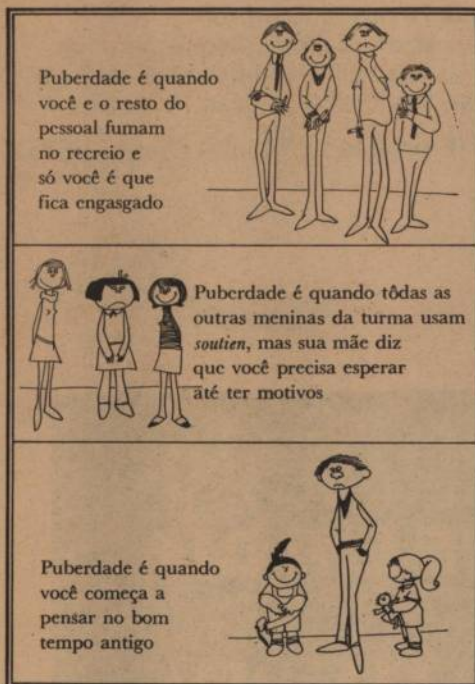
Kodak

E daqui a 10 anos?

Kodak film

Um bebê perfeito — o seu. Puxa, mas como cresce depressa. Amanhã, já estará na escola... e mais cedo do que você pensa, já estará moço. Por isso, agora é o momento de você guardar o encanto de sua infância. Para lembrar seus sorrisos, seus brinquedos, sua alegria, tudo enfim. Fotografando, você vai fixar o encanto desses momentos, sempre e sempre. E como isso é fácil, com os filmes a cores Kodak! Procure-os no seu revendedor Kodak, onde você encontrará este símbolo.

Temos o sorriso engarrafado, já vem pronto e tabelado, é somente
 requentar e usar. Porque é made in Brasil.
 (Parque Industrial — Tomzé)



Olha lá vem
a procissão,
se arrastando
que nem
cobra pelo
chão.
(Procissão
— Gil, 68)

TEATRO

68 x 88 — O Tamanho Possível

Tudo que fazemos hoje, e como fazemos, de uma maneira ou de outra está relacionado com 68. Mas o que está ligado a esta data que faz com que queiramos afirmá-la como importante, tipo antes e depois?

Na verdade, algumas coisas aconteceram durante a década de 60 (e antes também, é claro) que tiveram seu desfecho em 68. Uma delas, internacional, importante e influente foi a explosão em revolta do movimento estudantil libertário de Paris, com repercussão em toda a Europa e em boa parte do Planeta. Parece que o levante de Paris levantou meio mundo. E derrubou. De qualquer maneira a festa dos estudantes parisienses de todo o mundo em 68 foi bem diferente da festa dos estudantes e emigrantes árabes, africanos, portugueses, etc., comemorando a derrota de Chirac e a nova vitória do socialista Mitterand.

68 tem um outro significado mais particular e não menos importante. Foi o ano do crescimento da insatisfação nacional com a violenta guinada para a direita de nossa política, desde 1964 e de suas manifestações e consequências: greves, passeatas, protestos, manifestações estudantis e o recrudescimento da repressão e finalmente a decretação do AI-5. Isto é que é importante lembrar.

A partir daí a vida nacional ficou realmente muito triste. Mortes, prisões, desaparecimentos, assassinatos. Censura, Medo. Automóvel e Futebol. Televisão. Muita Televisão. Do litoral ao sertão. Do Oiapoque ao Chuí. (Conheço uma brasileira nascida e criada no Chuí que se declara arrasada pela descaracterização de seu pedaço natal. Identidade só a da carteira). Do litoral ao sertão, do Oiapoque ao Chuí!!

O Teatro? O Teatro recolheu-se.

Em 68 ainda havia vida. Opinião, Boal, Arena, Oficina, José Celso. Resistência ativa. Meu espetáculo "A Construção" no MAM (então vivo e participante) terminava com camponeses pegando em armas. "Numância" de Corvantes, encenada em Belo Horizonte, mostrava uma cidade e um povo que preferia a morte (o suicídio coletivo) a se entregar aos generais. Romanos. Depois "Roda Viva". O "Oficina" no Teatro Gláucio Gil. O dilaceramento e o desespero de "As Três Irmãs" que não sabiam para onde ir. O Boal foi embora. Teve que ir. A droga. O ácido. As grandes viagens. Algumas com retorno. Outras sem. "Dans la nuit éternelle emportés sans retour". Paz e Amor. O Teatro Ipanema faz "Hoje é dia de Roque". Por onde andaré José Vicente? Sua "Santidade" proibida. O grito ficou parado no ar. Os bons e os maus costumes das comédias dramáticas de Antonio Bivar — os costumes substituem a política. Com vantagens e desvantagens. Mas nada consegue resistir à ação devastadora da censura e à brilhante encenação desenvolvimentista do período. Plínio Marcos proibido. Futebol e desespero. Em 70 "A Comunidade" encena no MAM (ainda vivo) "Agamenon" de Ésquilo. Num cenário

vermelho de sangue (de Joel de Carvalho) atores manchados de sangue falam de um trono manchado de sangue. O trono de Agamenon assassinado pela esposa Clitemnestra. "Se correr o bicho pega...". O sufoco era geral. Atores e público envoltos no mesmo espaço dramático. O teatro ainda tentava resistir... Mas lentamente sucumbiu. Teve que sucumbir, diante das pressões econômicas e políticas a que estava submetido. Começam a aparecer os grupos independentes. Trabalhar fora do sistema profissional para sobreviver. A exacerbação do individualismo e da competição na vida cotidiana (até hoje "levar vantagem"). A mística da criação coletiva no Teatro. As encruzilhadas. Cooptar. Sobreviver. Emigrar (para fora do país, para dentro de si mesmo, para o campo). Ou submergir. Trabalhar submerso, respirar com a cana do brejo e esperar a hora de emergência. Não morrer. A escuridão do período Medici. A pequena lamparina da resistência. A lenta "redemocratização" do período Geisel (até hoje). A dívida externa e o capital estrangeiro. O dia do "Prendo e Arrebento". A penetração pelas brechas do sistema (que ele mesmo abre para sobreviver). É como rachar lenha. Abre uma fenda e coloca uma cunha. Para evitar novo fechamento. As aberturas democráticas e as fechaduras econômicas. O arrôcho. A desativação da vida controle da população. As cores da dominação. O controle ideológico. O enfraquecimento do teatro — oprimido e deprimido. A falta de perspectiva. O medo e o conformismo. O teatro de "vanguarda". — escape e legitimação do estabelecido. Os novos espaços. A rua como espaço reconquistado — para o teatro, para a política, os comícios, o teatro das diretas. O teatro democratizado em qualquer espaço — salões, salas, bares, restaurantes, cafés literários, concertos de roque, ruas e praças. O "Tá na Rua" e similares — emergência cultural no final de década — filhos da radicalização obscurantista. Contradição do Oficial. Sem lugar. Augusto Boal e o teatro do oprimido, — outras salas, outros espaços — desenvolvido em outros países — sem lugar no nosso. José Celso-Oficina com o Teatro aprisionado nele mesmo. Sem saber como soltá-lo. Ou por onde. O teatro profissional confinado em suas salas, economicamente estrangulado. Algumas experiências subvencionadas por entidades patronais. Antunes Filho. Lei Sarney, privatização da administração de verbas públicas. Algumas experiências vanguardistas. O teatro comendo sua própria cauda. O confinamento ideológico nos salões da burguesia. O país em transe. O velho imperando. O novo parado. O maduro isolado.

O fio da história — a atividade teatral fora do eixo Rio-São Paulo. Quanto mais longe das bases da televisão melhor. Na periferia do poder. A multiplicação dos espetáculos regionais. O crescimento apesar de tudo. O confinamento apesar de tudo. Ver para crer. Ver para compreender. Rer. Revelar. Revelação. Photo-finish. 68 x 88. Tamanho natural. Lembrar para transformar. Hoje não começou ontem. Começou antes. Para eles está dando certo. Conforme previsto. A guerra não acabou. Nem, o sonho. A vida não acabou. Nem o mundo. E viva Dercy Gonçalves. 81 anos e a idade do Teatro. Vivo e popular. Eternamente jovem, eternamente velho. Como ela. Eterno. 64 x 88. 88 x 2008 e assim por diante, ao infinito, que é o 8 deitado ∞.

Amir Haddad



Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento...
 ... o sol se reparte em crimes, espaçonaves, guerrilhas, em car-
 dinais bonitas.
 (Alegria, alegria — Caetano, 67)



ASSASSINADO LUTHER KING

O pastor negro e Prêmio Nobel da Paz de 1964, Martin Luther King, de 39 anos de idade, principal expoente da não-violência na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, morreu ontem no Hospital St. Joseph, de Memphis, no Tennessee, depois de ser baleado por um franco-atirador no Hotel Lorraine, no centro da cidade.

O pastor Andrew Young, vice-presidente da Conferência Nacional de Dirigentes Cristãos, de qual Luther King era presidente, disse que a bala assassina atingiu King no pescoço e na par-

te inferior do rosto, acrescentando que o líder de direitos civis, a partir desse momento, "não disse uma palavra e nem se moveu mais".

A polícia, armada com fuzil e revólveres, imediatamente cercou a área do atirador e Luther King foi transportado em ambulância para o hospital, onde foi declarado morto logo após. Dois homens não identificados foram presos a vários quarteirões do lugar onde King foi baleado, quando estava parado na saída do hotel.

A polícia informou que dois esportistas de violência interromperam no bairro negro de Memphis a que está procurando um homem branco que foi visto fugindo do local e deixou cair uma arma em sua fuga.

Em Washington, o FBI informou que havia iniciado uma investigação sobre o atirador, por ordem do procurador-geral Ramsey Clark.

Página 4



SOMBRA TROPICAIS

Sob o sol dos trópicos atua com alegria um certo grupo de combate à sobra.

"Em meio ao Maracanã lotado, o aparato policial deteve três homens para averiguações. A luz do estádio apagou-se. Ao reacenderem-se os refletores o gramado estava coberto por uma grande rede verde, os jogadores embarçavam-se nas malhas e a bola havia desaparecido. Três homens presos foram conduzidos para o centro do campo, de onde pronunciaram discurso inaudível, que a torcida vaiou. E depois aplaudiu calorosamente. Em triunfo, a multidão carregou-os em direção aos portões do grande estádio, lançando-os para fora, expulsos. A seguir, a partida prosseguiu em paz."

Estes acontecimentos repercutiram em 1983, antes, portanto, da Geração 80. Onde, aliás, é desnecessário dizer, os três cidadãos atuaram de maneira decisiva, em muitos de seus mais importantes acontecimentos. Um profundo espírito de liberdade interior os manteve a salvo de várias intrigas e mazelas, mas não os pôs distantes de outros confrontos, nem tanto homéricos ou heróicos, mas excitantes. E muito rápidos, com certeza.

Afirmam que jamais trairão seu juramento médico, nem deixarão de ofertar produtos segundo a tradição francesa das bandejas. Continuam admitindo administrar o conflito entre a unicidade do corpo multifacial e pressões por personalidades singulares auto-suficientes. Preparativos para a virada do século.

"Do trópico nos interessa a sombra, não a cegueira sob o sol esfuizante pintado sobre a paisagem maquiada-colorida — lá, enquanto amarramos nossas redes entre dois coqueiros, estaremos obtendo importantes revelações."

6 MÃOS

Caiu a máscara
 Editorial na página 6



El nombre del nombre muerto ya no se puede decirio quem sabe, antes que o dia arrêbente. El nombre del hombre muerto, antes que a definitiva noite se espalhe en latinoamerica, el nombre del hombre es pueblo.

(Soy louco por ti américa — Gil/Capinan/Torquato, 67)



NO BALANÇO DOS ANOS

Suspensas as aulas em todas as escolas do Rio. Coração de mulher bate com válvulas de porco. Estudante morre a tiro no Calabouço. Funerais de herói para Yuri Gagarin. Governador Negrão de Lima instaura inquérito e cancela aulas. Não é do PC novo presidente tcheco. Russos aumentam remessas a Hanói. Ônibus contra carro: família inteira morta. O Globo, sexta-feira, 29 de março de 68. Avanços da medicina, a morte do primeiro homem que viu a terra do alto, política, revolta, morte, trânsito, numa mesma primeira página de jornal. Num mesmo dia, numa mesma edição. E mais futebol, a caminho da campanha vitoriosa de 70, passeatas e política estudantil, a caminho da derrota fragosa de 70. E música. Gil, Capinam, Mutantes, Caetano Veloso, Gal, Torquato, Duprat. E Jorge Ben, e Leno e Lilian. O casamento de Cauby Peixoto, anunciado nas páginas da revista Intervalo. Num mesmo ano, um mesmo momento, que são vários. Na capa da Realidade, o nosso correspondente de guerra, ferido no Vietnam.

A Guerra do Vietnam. Cheia nas ruas, vazia nas seções de alistamento. Jovens se recusando a partir. Jovens se recusando que o país partisse. No Rio, jovens querendo que o General West Moreland, "carrasco do Vietnam", em visita ao Brasil, partisse. Nas ruas de Nova York os estudantes, nas ruas de Praga os estudantes, nas ruas de Paris os estudantes, nas ruas os estudantes. E não apenas os estudantes. Nas ruas a repressão, nas ruas a participação, nas músicas a participação. Nos estúdios da Record a Tropicália, nas rádios a tropicália, no museu a tropicália. Na mú-

sica a lua oval da Esso, nas artes plásticas a concha da Shell e a estrela da Atlantic. A coincidência. Coincidência?

Nas calçadas do Veloso e do Paissandu, os calçados esporte Conga, os vestidos irretocáveis de Nycron, a potência do Karmann Ghia. O Tigre da Esso, Garrincha e as lâminas Super Azul da Gillette. Pelé e os drops Dulcora, porque toda criança sabe que não apareceu nada como estes dois. O Terceiro Pecado da Tevê Excelsior, a linha natural da Vespa. Com ela você é mais mulher e menos cinta. A polícia federal preocupada com os jovens que fumam maconha, e a Vinólia preocupada com as mulheres garantindo que com o lançamento do primeiro desodorante íntimo, elas estarão tranquilas, mesmo nos dias quentes, ou quando sob tensões e emoções fortes. A estática das televisões Admiral, e os maiôs Rhodianil, que nunca deformam, aguentando a intensidade do sol, e dos olhares. Em meio às cores Pop o elefantinho da Shell vende as vantagens do ICA para um público que até hoje não sabe o que é isto. E a Volkswagen colocar seu fusquinha sobre a lua, enquanto ainda haviam mulheres que se submetiam ao hábito deprimente da toalinha. Uma pena, porque não conhecem a absorvência, o conforto, a higiene e a segurança de Modess, agora com a nova cobertura Pétala Macia. Mas apesar das novidades, ainda havia muito a fazer, e o fabricante avisava: para maior conforto use Modess com a Calça Serena. Mas é um tempo de mudanças, e a Renner proclama: Chega de Conformismo!. É o lançamento de sua linha agressiva, com a criatividade de Carnaby Street, a masculinidade de Mastroianni, a ousadia dos Beatles, a austeridade de Savillê Row. Tudo com a qualidade do Jergall, o inimitável. Novidade era a idéia, moderno a palavra-chave. Tudo para o jovem, que vai para as ruas, na ânsia de mudar. O jovem das Seleções, que se identifica: I love Capri, vou de Shell, ousou Topeka, dirijo Karmann Ghia, escrevo com Parker, e leio as Seleções do Reader's Digest, a revista adulta que o jovem gosta de ler. Até porque não havia muitas opções, entre a Manchete, a Realidade, a televisiva Intervalo ou a feminina Querida. Isso até 68 trazer o primeiro número de Veja (e leia), vendida nas bancas por NCr\$1,00, preço de lançamento.

Mas para muita gente, 68 ainda não passava de uma grande e longa bricadeira. Juvenil. Afinal, o mundo estava mudando, mas não tanto assim. E para as instituições financeiras Safra, o jovem do anúncio podia trazer no peito símbolos hippies e a palavra de ordem make love, not money, mas ainda era responsabilidade dos pais pensar no futuro dos filhos. Pois era provável que eles mesmos nunca pensassem. E na dicotomia de realidade e realidade, jovens protestavam no Calabouço, para à noite, assistirem, na tevê, às novelas Pequena Orfã, Legião dos Esquecidos, A Muralha e O Direito dos Filhos. Títulos que hoje soam irônicos. E, no intervalo entre um coquetel molotov e outro, se retirava uma tampinha de Coca-Cola, ainda nos bons tempos da cortiça. Porque tudo vai melhor com ela.

Edson Luís, os partidos clandestinos pensando em guerrilha, o AI-5. Os tempos começavam a ficar difíceis, mas ainda era possível brincar. E no dia 2 de abril de 68, no aniversário da Redentora, impresso nas páginas de Manchete, um muro pichado proclamava: "Não espalhe... Le Mazelle está preparando um golpe de estado na moda brasileira, com sua linha 68. E se no dia 5 de julho o Globo denuncia que 'Passeata esquece as reformas para pregar luta armada', ainda é capaz de relaxar na legenda da foto, lembrando que "a passeata de ontem foi também um desfile de moda jovem, bastante festivo".

No dia 14 de dezembro, é anunciada a edição do AI-5 mas em compensação à noite, no início da preparação para a Copa, o Brasil jogava no Maracanã contra os alemães com Pelé na ponta-de-lança, e um tripé formado por Tostão, Gerson e Rivelino. Pelo menos em 68 restava pão e o circo era de qualidade. Na virada do ano, em 31 de dezembro, o Ato 5 cassa 11 e suspende dois, há cerca de 600 desabrigados no Morro da Favela, a ONU condena Israel, o Papa abençoa o Líbano, chega ao Brasil a gripe Hong Kong. Mas, em algum lugar do mundo há espaço para a emoção da conquista, e milhões de telespectadores nos EUA puderam ver as imagens da lua trazidas pelos astronautas da Apollo 8.

O Brasil era urbano, as preocupações políticas, e assim, afastada de tudo isso, a Amazônia só existia como matéria-prima para a indústria moveleira. E as árvores da Amazônia, altivas e belas, tombaram serenas para a construção dos móveis Imperador, uma marca de tradição de M. Morhy e Cia, de Belém do Pará. Pois em 68 era só para isso que serviam as árvores da Amazônia. Afinal, não haviam buracos no ozônio, e todos tinham muito mais com que se preocupar. E a preocupação não era preservar, mas derrubar, subverter, desconstruir, reconstruir. Acreditando que era possível. Mesmo que, ao invés da Mazelle, tenha sido novamente o governo quem deu o golpe. A noite se aproximava, e durante o dia, apenas Coppertone era o que ainda brilhava sob o sol. Atenção é preciso ter olhos firmes, para esse sol, para essa escuridão. Estou aqui de passagem sei que adiante vou morrer, de susto, de bala ou vício. Terra habemus vinho no linho da mesa, molhada de vinho e manchada de sangue. Despedaçados, atropelados, cachorros mortos nas ruas, policiais vigiando. É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte. As bombas de gás. As bolas de gude. O começo. Do fim.

Alexandre Martins

ERAM

MIL A

ATACAR

○ MESMO

OBJETIVO



PASSEATA ESQUECE REFORMAS PARA PREGAR A LUTA ARMADA

LEITE MOÇA
LEITE CONDENSADO

QUE IDÉIA GOSTOSA!
CABE COM LEITE FEITO COM LEITE MOÇA

Hummm... é delicioso! É como
alimento! Para manhã, ou a
qualquer hora, prepare com
Leite Moça muitas xícaras
de café nutritivo, café com
leite. Leite Moça é o perfume
do leite condensado que já
contém açúcar.

LEITE MOÇA
Você faz maravilhas com Leite Moça

Estudante morre a tiro no Calabouço

NYCRON

prático
e bonito

NYCRON não deixa sua elegância amarrorar.

Coca-Cola é mais entusiasmo
e mais prazer em qualquer ocasião.
Especialmente refrescante a hora
de gastar Coca-Cola e sempre
uma festa irrefutável de alegria.
Não importa em qualquer ocasião,
tudo vai melhor com Coca-Cola!

Mais economia!
Preira COCA-COLA FAMILIA
para acompanhar
suas refeições em casa.



Tudo vai
melhor
com
Coca-Cola!

Na
mão
direita
tem
uma
roseira,
autenticando
eterna
primavera
e
nos
jardins
os
urubus
passeiam
a



tarde
inteira
entre
os
girassóis.

(Tropicália
— Caetano,
67)

C R É D I T O S

— Governo do Estado do Rio de Janeiro — Secretaria de Estado de Educação e Cultura — Departamento de Estudos Pesquisas e Patrimônio — Escola de Artes Visuais — Diretor Geral — Frederico Morais — Diretor Administrativo — Janine Alvarenga — Coordenador de Exposições e Eventos — Nelson Augusto

Fundação Rio
Presidente — Ênio Silveira
Diretor Executivo — Armando Sampaio
Diretor do Departamento de Arte e Cultura — Silvio Tandler
Coordenador de Artes Visuais — Sara Leguisamo
Coordenador do Espaço Cultural Sérgio Porto — Raul Luedman
Departamento Geral de Documentação e Informação da Secretaria Municipal de Cultura — Diretor — Epitácio Brunet

68 x 88 — NO BALANÇO DOS ANOS

Frederico Morais e Silvio Tandler — Curadoria — Alexandre Martins — Subcuradoria — Sara Leguisamo — Artes Plásticas — Nilson Filho — Publicidade e Cinema — Amir Haddad — Teatro — Epitácio Brunet — Debates e eventos especiais

Produção

Armando Villardo Silva — Guy Dimanche — Vera Alvarez — Izilda MFC da Cunha — Concetta Azevedo — Patricia Ryff — Sílvia Souza — Flávio Ahmed — Jaime Sampaio (rostos do Chacrinha)
Montagem Gerardo Villaseca

Artes Plásticas 88

Beatriz Milhazes — Cristina Salgado/Enrica Bernadelli — Hilton Berredo — Leda Catunda — Luis Pizarro — Luis Zerbini — Sérgio Romagnolo — Seis Mãos — Alexandre Dacosta — Jorge Barrão — Ricardo Basbaum —

Artes Plásticas 68 — Antonio Manoel — Antonio Henrique Amaral — Cláudio Tozzi — Glauco Rodrigues — Hélio Oiticica — Nelson Leirner — Rubem Gershmann

Teatro — Grupo Tá na Rua — Direção — Amir Haddad

Elenco — Ana Maria Carneiro — Arthur Faria — Lucy Mafra — Helô Montenegro — Roberto Black — Sílvia Bettina Weissman — Dan Alice — Ricardo Pavão

Grupo Cena Muda — Direção — Paulo Sayão — Elenco — Neia Nade — Fátima Mendes — Evandro do Campo — Fátima Mendes — Sérgio Villas Boas — Geraldo Fialho — Orlando Pereira — Andréa — Aline

Fotografias — Acervo do Arquivo Geral da Cidade

Imprensa Alternativa — Acervo da Rioarte

Catálogo — Criação — Alexandre Martins

Projeto Gráfico — Giovanni Bianco Meliande
Assistente — Luciene Calabria

As obras apresentadas na exposição pertencem aos seguintes colecionadores e instituições:
Gilberto Chateaubriand — Evandro Carneiro — Glauco Rodrigues — Cláudio Tozzi — Antônio Henrique Amaral — Museu de Arte Moderna — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand — Pinacoteca do Estado de São Paulo

Impressão — Tribuna da Imprensa

Agradecimentos — Francisco Mendes — Rio Cine Festival — Cinemateca do Museu de Arte Moderna — Tevé Globo — Francisco Sergio Moreira — VS Escala

Grupo Rádio Novela

— ARAKEN
— BEATRIZ FILIPPO
— CRISTIANE LARIN
— EDUARDO LINS
— FERNANDA LOBO
— FERNANDO GIUSTI
— FLÁVIA GUAYER
— GISELA RODRIGUES
— IRAN MELO
— IVY CARVALHO
— JOANA CORRÊA
— JOÃO VICENTE
— JORGE CAETANO
— JUDITH BELLINI
— JULIANA TEIXEIRA
— LADISLAS SZARVAS JÚNIOR
— LUCIANA MARTINS
— MACARRÃO
— MARCELLO BORGHI
— MARCELO MAGALHÃES
— MÁRCIA REGO MONTEIRO
— MÁRCIA RENATA
— MARCO AURÉLIO RAMIDAN
— MÔNICA MONTE
— REGINA MURRAY
— ROBERT GUIMARÃES
— RUI MACHADO
— SARAH NAVARRO
— SÉRGIO MAURÍCIO
— SÉRGIO PONCE DE LEON
— TANI BORGES
— VERA SERRA
— ZECA BITTENCOURT

CABELOS E MAQUIAGEM

— GIGI E RICARDO
ASSISTENTES DE PRODUÇÃO
— MÁRCIA RENATA
— REGINA MURRAY
— ZECA BITTENCOURT

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

— CARLOS VINHA LACERDA

DIVULGAÇÃO

— MÁRCIA REGO MONTEIRO

DIREÇÃO MUSICAL

— JORGE ISRAEL

PROGRAMAÇÃO VISUAL

— LUCIANA MARTINS

ILUMINAÇÃO

— ADEILSON

CENÁRIO

— SÉRGIO MAURÍCIO

PRODUÇÃO E FIGURINOS

— FLÁVIA PORTELA

TEXTO E DIREÇÃO

— NELSON RICARDO

APOIO:

— GLITCH INFORMÁTICA
— GUAPI VÍDEOS
— ESCOLA DE TEATRO DIRCEU DE MATTOS
— TAPE CONTROL
— TINTAS POLAR

(Anúncios tirados da revista Seleções 1968)

BANERJ

SEGUROS S.A.

I'M LONELY IN LONDON
(London, London - Castano, 71)